

TEATRO DE ANIMAÇÃO E ECOPELAGOGIA: relato de um experimento ecocênico na escola

THEATER OF ANIMATION AND ECOPELAGOGY: a report on an ecocenic experiment in
school

Tamilis de Abreu Lima

tamilisdeabreu@gmail.com

Universidade Federal do Pará - UFPA

Simei de Amorim Santos Andrade

Simeiandrade@ufpa.br

Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo:

O presente artigo apresentará um relato crítico-reflexivo sobre as experiências desenvolvidas no projeto "Abelhas, Guardiãs dos Ecossistemas", realizado em uma escola pública estadual na cidade de Ananindeua-PA, com uma turma 18 alunos do 3º ano do ensino fundamental, no ano de 2023. O projeto resultou no experimento de Teatro de Animação "A greve das Abelhas", que, a partir de uma abordagem assentada na ecopedagogia e ludicidade, considerou princípios estéticos ecopoéticos para a criação da dramaturgia e confecção dos personagens-bonecos, construídos a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos. O relato destaca a relevância de práticas pedagógicas engajadoras na escola como um caminho possível para uma educação democrática, significativa e sustentável.

Palavras-chave: Teatro de Animação, Ecopedagogia, Arte Ecocênica, Ludicidade.

Abstract:

The present article will provide a critical-reflective account of the experiences developed in the project "Bees, Guardians of Ecosystems," carried out at a public school in the city of Ananindeua-PA with a class of 18 third-grade students in 2023. The project resulted in the Animation Theater experiment "The Bees' Strike," which, grounded in ecopedagogy and playfulness, incorporated ecopoetic aesthetic principles for the creation of the dramaturgy and the crafting of puppet characters, made from recycled solid waste. The account highlights the relevance of engaging pedagogical practices in schools as a viable path towards democratic, meaningful, and sustainable education.

Keywords: Theatre of Animation, Ecopedagogy, Ecocenic Art, Playfulness.

INTRODUÇÃO: O ZUMBIDO DO PLANETARISMO

Vivemos um período de intensos debates e discussões, onde as questões ambientais emergem confinantes ao grito urgente do planeta à beira da exaustão. Consequências de ações antrópicas - a degradação implacável dos ecossistemas, a perda de biodiversidade, as mudanças climáticas - impõem desafios sem precedentes às sociedades atuais. Esses impactos revelam mais do que uma crise ambiental: uma crise de percepção fragmentada e limitada do mundo,

evidenciando a necessidade de uma consciência coletiva que incorpore responsabilidades éticas e valores ecológicos essenciais às relações planetárias sustentáveis. O contexto sociopolítico atual exige mudanças importantes para a dissolução da cultura antropocêntrica em favor de uma nova compreensão da “realidade-ambiente” - um chamamento para o exercício da cidadania e democracia planetária (Santos, 2022).

Segundo Gadotti (2001), a cidadania planetária está relacionada ao profundo entendimento de que todas as formas de vida no planeta estão interligadas em um sistema simbiótico e que a manutenção dessas interações depende da consciência socioambiental, cuja formação está intrinsecamente ligada à educação. Nesse sentido, as propostas educacionais devem ter como intencionalidade a formação de cidadãos engajados, sujeitos coletivos e plenamente conscientes de suas realidades. Trata-se de uma educação sustentável que transcende a relação harmoniosa com o meio ambiente, abraçando também a reflexão crítica sobre os nossos projetos de existência enquanto civilização planetária (Prass *et al.*, 2023).

Nessa perspectiva, surge a Ecopedagogia¹, ou Pedagogia da Terra², um movimento sociopolítico de abordagem curricular que propõe um novo paradigma para a educação e a relação entre sociedade-natureza, integrando a consciência planetária em todas as dimensões do processo educativo (Gutiérrez; Prado, 2013). Fundamentada nos princípios éticos da Carta da Terra³ e na perspectiva freiriana de educação crítica e emancipatória, a ecopedagogia busca promover uma compreensão abrangente e integrada das interdependências entre os sistemas naturais e sociais, destacando a importância de uma abordagem formativa para a cultura da sustentabilidade e da justiça socioambiental. Ela enfatiza a necessidade de uma educação dialógica que empodera os indivíduos a se tornarem agentes de mudança, participando ativamente do processo de aprendizagem, refletindo criticamente sobre suas realidades e trabalhando coletivamente para transformá-las (Dickmann, 2022).

¹ O termo ecopedagogia surgiu em 1994, num estudo realizado pelo Instituto Latino Americano de Pedagogia da Comunicação (ILPEC), da Costa Rica, e assinado por Francisco Gutiérrez como pedagogia do desenvolvimento sustentável, onde se faz referência à visão holística e equilíbrio dinâmico nas inter-relações entre o humano e a natureza.

² Moacir Gadotti introduziu o conceito “Pedagogia da Terra” em 2004. O termo refere-se a uma abordagem educacional que busca integrar os princípios da ecologia profunda e da sustentabilidade para promover a consciência planetária.

³ Criada em 2000, a Carta da Terra (UNESCO) é um documento que estabelece princípios éticos fundamentais para a construção de uma sociedade global mais justa, sustentável e pacífica.

Conforme argumenta Gadotti (2013), uma educação assentada na ecopedagogia deve privilegiar propostas pedagógicas dinâmicas, onde novas experiências e abordagens flexíveis sejam valorizadas e os caminhos sejam criados enquanto se avança. As ações ecopedagógicas devem ter intencionalidades claras e significativas para engajar tanto professores quanto estudantes. Os percursos de aprendizagens - continuados, adaptativos e permanentes - devem ter diálogo constante com o ambiente natural e social, a partir da vida cotidiana - com aplicação prática para a compreensão contextualizada dos fenômenos. Com isso, a aprendizagem resultará em produções concretas, sejam elas projetos, ideias ou transformações pessoais e a avaliação refletirá sobre esses processos, a partir da significação do próprio aprendiz. Essa concepção implica às comunidades escolares na contemporaneidade, a mobilização e renovação dos valores educacionais. Nesta continuidade, Gadotti considera que:

Os sistemas educacionais, em geral, são baseados em princípios predatórios, em uma racionalidade instrumental, reproduzindo valores insustentáveis. Para introduzir uma cultura de sustentabilidade nos sistemas educacionais, nós precisamos reeducar o sistema: ele faz parte tanto do problema, como também faz parte da solução. Por isso, precisamos de uma nova pedagogia (Gadotti, 2009, p. 04).

Para Suzano (2016), a inserção da ecopedagogia nos sistemas de ensino requer uma transformação e reestruturação do pensamento político-pedagógico das instituições assim como, a reorientação das formas de abordagens curriculares e elaboração de planejamentos e práticas para recondução dos saberes a uma nova inteligência de mundo - a cidadania planetária. A ecoformação enquanto eixo integrador das práticas pedagógicas, rompe com a fragmentação do conhecimento, visões parceladas da realidade e com os desvios de reflexão dos sistemas educacionais, para promover a inter e transdisciplinaridade com vistas ao paradigma da sustentabilidade.

Tendo como pressuposto a formação de cidadãos planetários, as propostas ecopedagógicas sugerem a articulação entre os componentes curriculares, a integração de objetos de conhecimento, a colaboração entre professores para a proposição de metodologias participativas, incentivando pelas interações horizontais a experimentação, investigação e ação prática, com o objetivo de criar ambientes de aprendizagem colaborativos e democráticos (Oliveira *et al.*, 2021).

Nesse sentido, a arte pode ser compreendida como um caminho concreto para ações ecopedagógicas na escola, pois seu ensino, através de experiências do sensível, contribui para a construção de novos olhares e reinvenção das relações humano-ambiente. A ação potencializadora da arte, qualquer que seja a especificidade, está na experimentação estética

da realidade através dos sentidos, emoções e afetos no despertar com o meio ambiente vivido, no entendimento sobre o ser/estar no mundo enquanto lugar habitado (Brasil, 1997). Sendo assim, voltamo-nos ao teatro e, mais especificamente, ao Teatro de Animação⁴, “que por suas características lúdicas, e pela possibilidade de expandir a experiência conectando variados campos de conhecimento, é uma prática satisfatória na sala de aula” (Balardim; Recio, 2019, p. 17). Para a pesquisadora Sonia Maria Silveira (1997),

A introdução da prática do teatro de bonecos na escola, como proposta de arte-educação, nas séries iniciais, amplia as possibilidades para o aprendizado, pois alia o ato de criar ao processo de assimilação dos saberes. Além disso, cria um espaço para uma interação entre os conteúdos e os diversos conhecimentos vivenciados no ato do fazer artístico e na diversidade temática que a dramatização aborda, favorecendo a relação afetiva que se estabelece entre o grupo e entre as crianças e o boneco, ausente das práticas tradicionais pedagógicas, que enfatizam o aprendizado de forma mecânica, negando emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão (Silveira, 1997, p. 137).

Os processos criativos em Teatro de Animação integram múltiplas formas de arte, proporcionando percursos formativos multirreferenciais e integrados. De acordo com Acioli Filho (2010), esta dimensão holística estabelece diálogos proficientes com diversas áreas do conhecimento e supera as fronteiras tradicionais entre os saberes. Essa abordagem permite a realização de estudos que abordam simultaneamente questões locais e globais, conectando a realidade específica de um contexto a uma compreensão mais ampla e integrada do mundo. Essa perspectiva nos leva a questionar: pode a prática do Teatro de Animação, quando realizada com intencionalidade ecopedagógica, promover a conscientização planetária?

Com base nessas premissas e considerando a relevância de compartilhar práticas e reflexões voltadas para os processos de ensino e aprendizagem neste contexto, o artigo apresenta um relato das experiências desenvolvidas no projeto "Abelhas, Guardiãs dos Ecossistemas", realizado na escola estadual Elaine Ismaelino de Freitas, na cidade de Ananindeua-PA, com 18 alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, em 2023. O projeto resultou no experimento de Teatro de Animação “A greve das Abelhas”, que, a partir de uma abordagem ecopedagógica e lúdica, considerou princípios estéticos eco-poéticos para a criação da dramaturgia e confecção dos personagens-bonecos, construídos a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos.

⁴ O Teatro de Animação ou Teatro de Formas Animadas é um gênero teatral que utiliza objetos, sombras, bonecos e máscaras para representar personagens autônomas, transmitindo conteúdos vitais e conflitos existenciais em diferentes histórias (Amaral, 1996).

O objetivo deste estudo é compartilhar as experiências de ensino do Teatro de Animação na escola, dando relevância aos processos criativos como um caminho para a concretização e integração da Ecopedagogia na escola. O projeto buscou, através de práticas artísticas contextualizadas, despertar as crianças para uma compreensão crítica da realidade, com atitudes responsáveis em relação ao meio ambiente, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados na sustentabilidade planetária.

O ECOSSISTEMA DE APRENDIZAGENS

O projeto descrito aqui foi desenvolvido ao longo de 15 dias letivos, de agosto a setembro de 2023, em uma escola de ensino fundamental da rede estadual localizada no bairro do Paar, região periférica do município de Ananindeua-PA. A proposta surgiu em resposta ao convite da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) que, através do Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares (SIEBE) e da Secretaria Adjunta de Educação Básica (SAEB), solicitou às Diretorias Regionais de Educação (DRE), o encaminhamento de projetos pedagógicos para compor a programação cultural na Arena das Artes, espaço gerenciado pela Secretaria de Estado de Cultura (SECULT) durante a 26ª Feira Pan-Amazônica do Livro e das Multivozes. Assim, as produções culturais das escolas participantes deveriam estar alinhadas às temáticas propostas pela edição, podendo abranger as “Vozes dos Homenageados”, “Vozes da Infância”, “Vozes da Diversidade e Inclusão”, “Vozes do Clima”, entre outras.

A SECULT estabeleceu que as apresentações deveriam ter a duração de 15 minutos e que os grupos poderiam ser compostos por até 20 estudantes. Portanto, antes de projetarmos as metodologias e atividades, precisávamos selecionar a turma que participaria do projeto. Revisamos os planos de experiências do componente curricular Arte do 1º ao 5º ano - para identificar e privilegiar a turma que já estivesse envolvida com percursos criativos em teatro no bimestre vigente. Optamos pela turma do 3º ano (turno da manhã), que composta por 18 estudantes entre 8 e 10 anos de idade, estava trabalhando com o Teatro de Formas Animadas, com ênfase no Teatro de Bonecos.

Vale destacar o contexto heterogêneo desta turma, que incluía estudantes típicos e atípicos, como crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Desenvolvimento Intelectual (TDI), Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), com diferentes níveis de suporte. Havia também, crianças que ainda estavam nas fases iniciais dos processos de aquisição da leitura e da escrita formal. Diante deste cenário, fomos

desafiadas a adotar uma maior variabilidade de práticas pedagógicas que considerassem as necessidades e habilidades de todos os envolvidos no processo.

Com foco nas “Vozes dos Artistas Homenageados”, destacamos Heliana Barriga, escritora paraense com uma vasta produção dedicada à literatura infantil. Realizamos pesquisas preliminares com o objetivo de selecionar, dentre as principais obras da autora, uma história com potencial de adaptação para o Teatro de Animação. Ao lermos a obra “A Abelha Abelhuda”⁵ (1994), reconhecemos sua acessibilidade de linguagem (adequada ao nível de desenvolvimento das crianças), assim como sua relevância temática e potencialidade para a interdisciplinaridade entre os componentes curriculares de Arte e Ciências, já que a turma estava abordando em seus estudos, o grupo dos animais invertebrados (insetos).

A partir do tema gerador “Abelhas, guardiãs dos ecossistemas”, elaboramos o projeto com um conjunto de estratégias que garantisse aos estudantes, a acessibilidade curricular, metodológica e instrumental (Sasaki, 2002). Especificamente práticas, intervenções e recursos artístico-pedagógicos flexíveis, personalizados e adequados à diversidade da turma. Nossa intencionalidade durante o planejamento dos encontros, voltou-se para a antecipação das possíveis necessidades e barreiras de aprendizagem que poderiam surgir durante o processo e acionar atividades equacionadas com caminhos alternativos facilitadores à aquisição dos conhecimentos, competências e atitudes.

Inicialmente, destacamos e priorizamos as habilidades dos componentes curriculares de Arte e Ciências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que estavam alinhadas à temática. Tendo como perspectiva a interdisciplinaridade, sistematizamos os objetos de conhecimento a serem abordados e as aprendizagens esperadas a partir do conhecimento prévio das crianças. Posteriormente, confeccionamos materiais de apoio pedagógico personalizados para potencializar as aprendizagens, facilitar a compreensão e promover a participação ativa dos(as) estudantes. Com os recursos disponíveis, elaboramos fichários interativos (fichas com abas e figuras em relevo), jogos de aliteração, consciência fonológica e silábica, quebra-cabeça e caça-palavras.

⁵ De autoria de Heliana Barriga e Mário Barata com ilustração de Camila Teixeira, a obra teve sua primeira edição publicada pela editora FTD Educação em 1994.

Por último, definimos as metodologias de intervenção e as múltiplas formas com que os saberes seriam compartilhados e discutidos durante os encontros e oficinas. Consideramos também, atividades adicionais como o “cinema em sala” para a exibição de produções audiovisuais e a organização da aula-passeio para visitar instituições especializadas no cultivo de abelhas na região. Com essas estratégias, possibilitamos às crianças diferentes maneiras de se apropriarem dos conhecimentos e expressarem suas aprendizagens e habilidades (Freire, 1996).

A COLMEIA CRIATIVA: CONSTRUÇÃO DE ECOPOÉTICAS

As atividades ocorreram uma vez por semana (quartas-feiras), com os dois primeiros períodos dedicados aos encontros de Ciências e os dois últimos às experiências em Teatro de Animação. Dessa forma, as propostas foram realizadas em sequências didáticas, e os processos de aprendizagem e percursos criativos estavam inter-relacionados, sendo divididos em quatro fases: adaptação da literatura para o Teatro de Animação (três encontros), criação e confecção de personagens-bonecos (quatro encontros), construção de cenas e ensaios (oito encontros) e, por fim, a apresentação do experimento.

Adaptação da obra literária para o texto da cena

Na primeira fase, tínhamos como objetivo explorar as camadas literárias da obra “Abelha Abelhuda” para estimular a transposição do conteúdo literário para o texto dramático próprio da linguagem do Teatro de Animação. Assim sendo, no primeiro encontro, as crianças receberam fichas apenas com o texto verbal, pois não queríamos que, nesse momento, elas acessassem pressuposições relacionadas aos recursos gráficos, imagens e dados disponíveis no objeto livro. Divididas em pequenos grupos, as crianças realizaram em voz alta a leitura colaborativa da história, que gira em torno da Abelhuda, uma abelha fisicamente diferente de todas as outras. Além disso, por adorar e não querer incomodar as flores, ela se recusa a polinizá-las. Por conta desse comportamento incomum, ela é expulsa da colmeia e faz de um jardim florido seu novo lar.

Durante a atividade, garantimos que cada grupo incluísse pelo menos uma criança alfabetizada, com competência leitora fluente. Assim, a leitura oralizada, com entonação, expressividade, clareza, volume de voz, entre os pares, possibilitou que as crianças não fluentes desfrutassem do texto fora da sua habilidade leitora e ampliassem vocabulários e repertórios linguísticos (Araújo; Aragão, 2020).

Como desdobramento da prática, disparamos perguntas para provocar diálogos e inferências sobre a narrativa e seus personagens. Em seguida, as crianças receberam uma ficha para registrar através de desenhos as suas impressões sobre a personagem principal - a partir das características presentes na história: “Só tinha quatro patas e era nariguda, caneluda e orelhuda. Ela usava óculos, botas de veludo, flores nos cabelos e na cintura. Era a Abelha Abelhuda” (Barriga; Barata, 1994, p. 5). Enquanto os grupos construía suas representações, foi possível ouvir algumas crianças mencionando as informações apreendidas nas aulas de ciências sobre a anatomia das abelhas enquanto insetos voadores. Elas relacionaram esse conhecimento com as características da Abelhuda, construindo uma compreensão integrada sobre a literatura e a ciência. No final do tempo previsto, as crianças mostraram suas interpretações da personagem umas às outras. Foi um momento de descontração e diversão, com muitos risos e apreciação das diferentes versões da Abelha Abelhuda, refletindo suas características únicas.

Em seguida, organizamos a turma em semicírculo e com o auxílio de slides, apresentamos a autora Heliana Barriga. Projetamos a versão ampliada do livro no quadro - para que todos(as) pudessem acompanhar com maior riqueza de detalhes e assim, iniciamos uma contação de história participativa. Durante a contação, as crianças ajudaram a narrar os acontecimentos e, no momento em que apareceu a ilustração da personagem Abelhuda, houve um alvoroço de risos e comparações com os desenhos que a turma havia feito.

No segundo encontro, através de um jogo de história cumulativa para fixação da narrativa, a turma foi incentivada a recontar os fatos na ordem em que aconteceram. A dinâmica foi realizada de forma colaborativa, onde as crianças formaram um círculo e cada uma contou uma parte da narrativa, sucessivamente, até a conclusão da história. Em seguida, informamos à turma que a história seria adaptada para o Teatro de Animação e que iríamos apresentar o “espetáculo” na Feira do Livro e das Multivozes. As crianças receberam a notícia com bastante entusiasmo.

Dando continuidade, formamos grupos e retomamos os desafios enfrentados pela Abelhuda, com o objetivo de exercitar a leitura crítica e promover debates sobre os sentidos que o texto apresentava. Disparamos perguntas sobre o desfecho do conflito geral para que os grupos elaborassem novos argumentos e soluções. Todas as ideias e sugestões foram anotadas

pelas crianças nas fichas de roteirização e no quadro pela professora escriba. Novamente, pudemos observar as crianças relacionando as aprendizagens das aulas de ciências durante o exercício de adaptação. Momentos antes, a turma tinha estudado sobre o ciclo de vida, as diferentes castas das abelhas (rainha, operária e zangão) e suas funções para a sobrevivência da colônia e da colmeia. Descobriram que nem todas as abelhas são sociais e que existem espécies solitárias. Essas informações contribuíram para transformar os eventos e personagens em uma sequência dramática. Com mediação, as crianças discutiram e decidiram quais partes da narrativa seriam mantidas, modificadas ou eliminadas, baseando-se em sua compreensão e interpretações da obra, construindo assim o enredo.

No terceiro encontro, as crianças compartilharam mais descobertas: os diferentes tipos de dança que as abelhas usam para se comunicar em relação à localização da comida, o sistema de polinização e como elas desempenham um papel crucial para os ecossistemas. Descobriram que muitas espécies de abelhas estão morrendo por conta dos pesticidas e das substâncias venenosas usadas nas plantações, e que, no caso das espécies da Amazônia, as queimadas e o desmatamento também representam grandes ameaças.

Com base nessas novas informações, provocamos debates e reflexões sobre o impacto das ações humanas na vida das abelhas. O enredo foi ajustado para incluir essas problemáticas socioambientais às cenas. As crianças criaram diálogos curtos e definiram como se daria a interação entre os personagens. Com isso, fomos definindo a nossa dramaturgia textual por esse caminho temático, com a narrativa valorizando a importância das abelhas para os ecossistemas, refletindo os seus interesses e necessidades e evidenciando a relação de interdependência entre os humanos e a natureza.

Até então, a Abelhuda era a única personagem com nome. No entanto, combinamos com a turma que todos os outros personagens seriam espécies da Amazônia. Esperávamos pela aula-passeio, em que visitaríamos a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) para conhecer de perto o manejo de abelhas sem ferrão. Nesse momento, todos(as) teriam a oportunidade de conhecer melhor as abelhas polinizadoras da nossa região e, quem sabe, nomeá-las com base em suas observações e aprendizados.

Infelizmente, devido à falta de recursos financeiros, a aula-passeio não pôde ser realizada. Em vez disso, as pesquisas sobre as espécies de abelhas amazônicas foram desenvolvidas em sala de aula. Os personagens foram nomeados a partir dos nomes populares e da abreviação dos nomes científicos das espécies polinizadoras de árvores frutíferas, como por exemplo o açazeiro, o bacurizeiro e a castanha-do-Pará. Com base nessas informações, ajustamos, com a turma, os detalhes da narrativa e dos personagens para refletir a diversidade e a importância das abelhas na Amazônia, incorporando esses elementos na adaptação teatral de forma criativa e contextualizada.

A criação e confecção dos Personagens-Bonecos

Na segunda fase do processo, com a dramaturgia já estruturada, tivemos como objetivo a construção e materialização dos personagens através da confecção dos bonecos. A turma já havia tido contato com o Teatro de Formas Animadas nos anos anteriores, experimentando as técnicas do teatro de sombras e do teatro de objetos. Portanto, apresentamos a elas, especificamente, através de vídeos, cenas de espetáculos de teatro de bonecos construídos a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos, como “Os doze trabalhos de Hércules” da In Bust Teatro com Bonecos (Belém-PA), “Ecobonecos” do Grupo Girino (Belo Horizonte-MG) e “Beco” da Cia FantoKids (Maringá-SP).

Conduzimos a atividade para que as crianças percebessem, como materiais que a princípio seriam descartados foram ressignificados ao receberem novos usos sociais e artísticos. Ou seja, materiais anteriormente oriundos do consumo humano e sem utilidade aparente adquiriram valor simbólico no contexto do Teatro de Animação, evidenciando seu potencial dramático e criativo. Essa abordagem buscou fomentar a fruição e a apreciação estética dos espetáculos, incentivando a turma a reconhecer o potencial dos resíduos sólidos enquanto materiais reaproveitáveis para a construção de personagens e cenários, como comenta Pacha (2019):

[...] agregar materiais como a sucata na construção de bonecos para utilizar no Teatro de Animação faz com que possamos navegar nesse potencial simbólico na busca de provocar uma reflexão sobre a quantidade de resíduos produzidos, que são jogados em qualquer lugar sem nenhuma preocupação, como se essa situação fosse normal, e promover outra relação com esses objetos descartados (Pacha, 2019, p.220).

Nesse contexto, disparamos perguntas sobre quais resíduos sólidos poderiam agregar valor estético à nossa história, levando em conta suas origens e características. Orientamos as crianças a acionarem seus conhecimentos sobre o universo das abelhas para identificar

materiais com potencial construtivo e que poderiam ser incorporadas ao projeto. Incentivamos a reflexão sobre o potencial dramático de objetos que pudessem ter um valor simbólico e significativo para a nossa narrativa.

Com base nas aulas de ciências, algumas crianças sugeriram utilizar recipientes de agrotóxicos, devido à associação desses itens com a morte das abelhas. No entanto, devido ao risco de contaminação e aos perigos à saúde humana que esses materiais apresentam, essa possibilidade foi descartada. Optamos, então, por trabalhar com resíduos disponíveis em nosso ambiente, garantindo o uso seguro e sustentável para construção dos personagens e do cenário do espetáculo.

Ainda durante a exibição das cenas, as crianças foram sensibilizadas para os diferentes tipos de manipulação dos bonecos: direta, indireta com ou sem uso de extensores. Na manipulação direta, o ator controla o boneco com as mãos, criando uma conexão íntima e expressiva. A manipulação indireta envolve o uso de dispositivos (fios, varas) que movem o boneco à distância, permitindo movimentos amplos e complexos, enriquecendo a performance e expandindo as possibilidades criativas. Essas observações permitiram que as crianças compreendessem as variadas relações entre ator e boneco/objeto.

Nos encontros seguintes, a turma trouxe diversos resíduos sólidos para a escola. A partir de uma dinâmica, fomos agrupando os resíduos de acordo com a sua origem (domiciliares e comerciais). Em círculo, conversamos sobre o tempo de decomposição desses materiais no meio ambiente e os danos que eles causam aos ecossistemas, recursos naturais e à saúde humana. As crianças foram encorajadas a compartilhar experiências de casa ou do bairro que refletissem sobre escolhas diárias e formas alternativas de reutilização de resíduos. Construimos a ideia de que materiais descartados podem ganhar uma nova vida através da arte e da criatividade, a partir de escolhas conscientes de reutilização.

Diante dos materiais disponíveis para o processo de construção, direcionamos os olhares das crianças para as formas dos objetos, pois o era importante “reconhecer os objetos na sua forma (redondo, quadrado, retangular e etc.), cor, textura e peso; identificar a origem desses objetos em seu cotidiano” (Pacha, 2019, p. 225). Uma das crianças, ao segurar uma garrafa PET, associou criativamente a matéria-objeto: o “ombro” da garrafa ao abdômen da abelha. Dessa maneira, acolhemos a ideia e decidimos utilizar as garrafas PET como forma base para os personagens-bonecos. Coletamos garrafas de vários tamanhos e iniciamos a construção

das bonecas (rainhas e operárias) e dos bonecos (zangões), considerando as informações apreendidas nas aulas de ciências sobre a anatomia desses insetos.

As garrafas foram divididas em três partes: ombro, corpo e fundo. A maioria da turma não tinha habilidades com a tesoura, especialmente por se tratar de um material muito rígido. Dessa forma, as garrafas foram cortadas pela professora. Após vários testes de agrupamento entre as partes, chegamos à formatação final da estrutura boneco-objeto: cabeça (agrupamento do ombro e fundo), tórax (agrupamento do fundo e fundo), e abdome (agrupamento do ombro e fundo). Depois de agrupadas, as partes foram furadas e o fio de nylon foi passado por elas, garantindo uma movimentação articulada. Foram necessários ainda outros materiais agregados para completar os personagens: olhos (tampas de amaciante e PET), asas (corpo de garrafas PET), antenas e pernas (arames de livros e cadernos).

A princípio, os(as) bonecos(as) não teriam acabamento; a ideia era manipulá-los em sua forma crua, destacando a materialidade de origem. No entanto, percebemos que para as crianças com TEA e TDI, a abstração da forma dos bonecos, ainda em seu estado bruto, tornava o reconhecimento do inseto desafiador. Diante da necessidade de concretização dos personagens, as crianças pintaram os(as) bonecos(as) para potencializar o reconhecimento e significação dos insetos, trazendo uma representação mais concreta e acessível.



Imagem 1: Personagens-bonecos: Abelhuda, abelha operária e o zangão. Fonte: Arquivo pessoal

O processo de materialização resultou na construção de sete bonecas e quatro bonecos de vara: Abelhuda (abelha solitária), Melífera (rainha), Vitra, Arapuá, Jataí, Mandu e Uruçu (abelhas operárias) e Zing, Zang, Zeng e Zung (zangões). Além dos(as) bonecos(as), foram confeccionados elementos para compor o cenário: a empanada e as flores. A empanada foi criada a partir da reutilização de lençóis e retalhos de tecido, que foram recortados em formatos hexagonais para representar as células da colmeia. Por fim, as flores foram elaboradas com garrafas PET, compondo o cenário no balcão.

A construção das cenas e os ensaios: vivências lúdicas

A terceira fase do processo concentrou-se na construção das cenas e no estabelecimento das dinâmicas de ensaio, proporcionando às crianças a oportunidade de desenvolver as habilidades básicas para a atuação com bonecos. Para atender a essas necessidades, utilizamos a sala do SAEE (Serviço de Atendimento Educacional Especializado). Essa escolha foi assertiva, pois o espaço cedido permitiu manter as estruturas, como a empanada e o balcão, montadas permanentemente, evitando a necessidade constante de montar e desmontar o cenário.

As oficinas começavam sempre com jogos populares ou brincadeiras cantadas. No caso dos jogos tradicionais, aplicamos algumas adaptações para nosso contexto de criação e assim, o “coelho sai da toca” se transformou em “abelha sai da colmeia” e a “galinha, pintinhos e raposa” em “Rainha, abelhinhas e Vespeiro”. As crianças já estavam familiarizadas com as regras das versões originais, então as variações foram recebidas com bastante entusiasmo. Utilizamos as atividades lúdicas como estratégia metodológica integradora, com o objetivo de despertar nas crianças estados de inteireza e disponibilizá-las para experiências estéticas e criativas do Teatro de Animação.

Os jogos proporcionaram às crianças uma percepção mais aguçada das múltiplas dimensões da realidade, ampliando suas consciências, imaginários, conhecimentos e potenciais criativos. As experiências vivenciadas durante essas atividades não apenas estimularam o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo, como também, possibilitaram a construção de conhecimentos e o aprofundamento dos temas explorados. Nesse sentido, Andrade (2013) comenta que,

[...] é brincando que a criança constrói conhecimentos da sua cultura e também aprende a desenvolver papéis, pois brincar é construir e reconstruir a realidade. Brincando, a criança coloca em pauta os problemas do seu dia a dia, mesmo os mais difíceis de serem solucionados, buscando alternativas para a sua resolução (Andrade, 2013, p. 19).

Os primeiros exercícios de manipulação conduziram a turma para uma investigação sobre as possibilidades de movimentação e deslocamentos dos(as) bonecos(as). Aos poucos, a partir das personalidades criadas, cada manipulador(a) foi experimentando e criando movimentos característicos para os personagens. À princípio, as crianças iriam manipular os(as) bonecos(as) de forma direta, entretanto, durante as experimentações, observamos que

a turma enfrentava dificuldades na execução dos movimentos. Devido à sua baixa estatura, os braços ficavam posicionados muito abaixo da empanada, o que tornava os bonecos quase invisíveis para o público. A solução foi utilizar os extensores (varas), que permitiram uma manipulação mais adequada e visível dos bonecos. Além disso, adaptamos as varas para atender às necessidades específicas das crianças com deficiência, especialmente aquelas que ainda estavam desenvolvendo habilidades motoras finas. Para melhorar a ergonomia, substituímos as varas por canos de PVC, garantindo uma preensão mais precisa.

Durante os ensaios, a partir dos jogos e exercícios propostos, as crianças não só desenvolveram suas expressões sensório-motoras como também, expandiram as habilidades de manipulação e transmissão das expressões e emoções dos(as) bonecos(as). A ludicidade foi determinante para que a turma pudesse experimentar técnicas básicas de manipulação de maneira espontânea e divertida. Nesse sentido, Silveira (1997) afirma que o teatro de bonecos é intrínseco ao lúdico na medida em que expande os imaginários, as criatividade e provoca uma interação significativa com os objetos de conhecimento. Ele cria oportunidades autênticas de aprendizado, onde os atos de brincar e criar se entrelaçam ao ato de aprender

As oficinas também incluíram exercícios de expressão vocal direcionados para o desenvolvimento da comunicação e da fala dos(as) bonecos(as) para estabelecer suas autonomias em cena. Durante essa fase, foi necessário adaptar as falas dos personagens das crianças com deficiência. Ajustamos os textos para incorporar palavras que já faziam parte dos seus repertórios linguísticos, com maior precisão e facilidade de pronúncia. Mas ainda assim, durante os ensaios, todas as crianças, dentro das suas possibilidades (tempo e ritmo), foram desafiadas a explorar novas formas de expressão, experimentar variações vocais e aprimorar suas dicções.

Para assegurar a definição das cenas (disposições e movimentações), foi necessário realizar ensaios também no contraturno. Essa decisão garantiu que a turma pudesse dedicar o tempo necessário para aprimorar as habilidades e atender às necessidades de cada cena. Além disso, realizamos ensaios abertos, durante os quais, o experimento foi apresentado para outras turmas da escola. Essas apresentações permitiram que as crianças testassem e ajustassem suas atuações, simulando a sensação de estar diante de uma plateia. A turma recebeu feedbacks construtivos de colegas e professoras, o que ajudou a identificar pontos fortes e áreas que

precisavam de melhoria. Esses momentos promoveram um senso de compartilhamento e colaboração dentro da escola, integrando e valorizando ainda mais o trabalho realizado.

O processo criativo que desvelou o experimento "A greve das Abelhas", despertou encantamentos e experiências afetivas com os(as) bonecos(as). Permitiu às crianças, aprendizagens sobre o domínio dos seus corpos e do outro (boneco) também. A partir do jogo, na condição de protagonistas da ação, elas construíram entendimentos sobre uma natureza viva, biodiversa, que é habitat da humanidade e que precisa ser preservada.

A GREVE DAS ABELHAS

O experimento ecocênico "A Greve das Abelhas" foi apresentado em setembro de 2023, na Arenas das Artes, durante a 26ª Feira do Livro e das Multivozes, realizada no Centro de Convenções Hangar, em Belém-PA. A apresentação teve a duração de 20 minutos e contou com um público superior a 200 pessoas, incluindo pais e familiares, que compareceram para assistir e apreciar o trabalho da turma. As crianças ficaram encantadas com a experiência que começaram nos bastidores, com as vivências de camarim, até chegarem ao palco, onde compartilharam tudo o que haviam construído e aprendido nas últimas semanas.

Prólogo

A história se passa em um sítio. No centro do palco destaca-se a empanada (colmeia) que serve como um núcleo da colônia. À frente, está o balcão (canteiro da horta) adornado com diversas flores.



Imagem 2: Durante a apresentação do experimento. Fonte: Arquivo pessoal

Cena 01: A retorno da Abelhuda para a horta

A cena inicia com Melífera (a abelha rainha) acordando a colônia ao amanhecer. As operárias (Vitra, Arapuá, Jataí e Mandu) despertam rapidamente, e ziguezagueando, deslocam-se (de trás da empanada) até os canteiros da horta (balcão), onde iniciam a coleta de néctar. Todas trabalham harmoniosamente até a chegada da Abelhuda, que interrompe o fluxo de produção com suas provocações. As operárias, chateadas, confrontam Abelhuda sobre a urgência das demandas a cumprir, mas ela se recusa a colaborar, preferindo sua vida solitária. As operárias fingem ir embora, mas se escondem para observar a Abelhuda de longe.

Cena 02: Colônia em colapso

Melífera convoca Zing, Zang, Zung e Zeng (zangões) para informar que a colônia está enfrentando sérios problemas. Várias operárias estão desaparecendo e as que voltam logo ficam muito doentes. A coleta de néctar vai de mal a pior. E diante desta situação, a rainha expulsa os zangões da colmeia. Chorando, os zangões saem de trás da empanada e vão até a horta, onde encontram a Abelhuda. Ao ser questionada sobre a sua presença no sítio, Abelhuda revela que as abelhas estão sumindo não só na Amazônia, mas no mundo inteiro, e a causa: as condições de trabalho não favoráveis (queimadas, desmatamento, pesticidas, mudanças

climáticas). Abelhuda pede a ajuda dos zangões para encontrar uma solução, mas eles vão embora. Abelhuda pensando alto considera fazer uma greve. As operárias escutam a ideia e se preparam para o protesto.

Cena 03: Um contrato com a natureza

As operárias entram em cena cantando palavras de ordem. Marcham com cartazes de protesto em direção à plateia, exigindo melhores condições de trabalho. Melífera aparece e decreta uma pausa nos trabalhos para a realização de uma assembleia extraordinária, onde todos discutem as possíveis soluções. Abelhuda sugere a criação de um contrato com os humanos. Uruçu lê o contrato, que foi aprovado por todas as abelhas, e convoca um espectador da plateia para firmar o compromisso, estabelecendo a colaboração entre abelhas e humanos para promover um ambiente sustentável e seguro.

Epílogo

No retorno à escola, a turma teve a oportunidade de assistir a um vídeo da apresentação. Este momento foi essencial para avaliar o processo e refletir sobre a experiência vivida, permitindo às crianças compartilhar suas impressões e aprendizados sobre o projeto. O vídeo proporcionou um olhar detalhado sobre o desempenho e a evolução de cada participante, fortalecendo a compreensão e a apreciação do trabalho realizado.

Durante este período, nossa escola recebeu a visita de uma rede de televisão local, que fez uma reportagem⁶ sobre o projeto. As crianças, professoras e gestoras foram entrevistadas, e a reportagem foi exibida em todo o estado, destacando o impacto e o sucesso do experimento cênico. Essa cobertura midiática trouxe reconhecimento e valorização para o trabalho desenvolvido pela turma.

No mês seguinte (outubro de 2023), a tão aguardada reforma da nossa escola teve início, o que resultou na suspensão temporária das atividades do projeto. O projeto “Abelhas, guardiãs do ecossistema” possui um caráter permanente na escola e o seu retorno está previsto para

⁶ Reportagem sobre o projeto desenvolvido na escola: “Teatrinho Sustentável”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6yKGyxJmodk>

2024, assim que as aulas presenciais forem reintegradas. O projeto será reiniciado a partir de um programa de arte e cultura promovido pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), com a possibilidade de contar com recursos financeiros para apoiar suas atividades.

O TEATRO DE ANIMAÇÃO E A CULTURA DA SUSTENTABILIDADE

*“Zumbido bem alto, nós vamos lutar,
não tem mais mel, se o mal continuar.
Sem pesticidas, desmatamentos,
chega de queimadas, não temos mais tempo!”*
(Palavras de ordem cantadas pelas abelhas em protesto - cena 03)

Sermon (2021, p. 35) destaca três possíveis abordagens para um teatro ecologicamente correto: o caminho temático, o caminho pragmático e o caminho estético. O primeiro deles se concentra em integrar questões socioambientais às narrativas teatrais e “às vezes em uma perspectiva pedagógica [...], às vezes com uma visão mais crítica”, convida os espectadores a assumirem suas responsabilidades enquanto cidadãos planetários. “A greve das Abelhas” exemplifica bem esse entendimento, ao colocar em cena, no centro dos conflitos e tensões, os dilemas de personagens não-humanos e suas inter-relações com ações antrópicas. O experimento propõe discussões sobre causas e consequências, incentivando as crianças e, por conseguinte, o público a refletirem sobre seu papel na preservação do meio ambiente e na promoção de práticas sustentáveis.

O processo de construção dos(as) bonecos(as) e cenário a partir do reaproveitamento de resíduos sólidos implicou não apenas uma abordagem inovadora e sustentável na criação artística, mas também uma reflexão crítica sobre o consumo e os seus impactos ambientais. Essa escolha estética e modelo de produção nos aproxima do caminho pragmático, que por sua vez, refere-se à maneira como as práticas teatrais e os processos de criação são conduzidos a partir dos princípios da cultura da sustentabilidade. O foco está na experimentação de novas formas de expressão artística que comuniquem as complexidades das questões ambientais contemporâneas. “Essas implicações estéticas modificam a forma e o conteúdo dos espetáculos, os lugares de representação, a relação com o público e com a realidade” (Sermon, 2021, p. 41).

A experimentação ecocênica no Teatro de Animação se manifesta através de uma estética que transcende a simples representação de temas ambientais, engajando-se

profundamente com a natureza por meio de práticas que envolvem diretamente o meio ambiente como coautor da obra. Essa abordagem eco-poética se materializa na criação de narrativas e formas teatrais que dialogam de maneira simbiótica com a ecologia, promovendo uma conscientização ampliada e sensível das interdependências entre todos os seres vivos. Mais do que propor uma nova estética, essas práticas pedagógicas engajam e inauguram um novo paradigma de produção artística, no qual ecologia e arte, integradas, suscitam novas formas de expressão e catalisam transformações socioambientais e cidadanias planetárias.

Compreendidas e vivenciadas na perspectiva da Ecopedagogia, as práticas de Teatro de Animação na escola promoveram uma formação cidadã fundamentada em princípios da justiça social, equidade e sustentabilidade. Através da ludicidade, as crianças enquanto sujeitos sociais, desenvolveram entendimentos sobre seus papéis, tanto em ações individuais quanto coletivas. Essa visão de cidadania amazônica se expandiu para uma compreensão planetária, reconhecendo que sustentabilidade e prática de cidadania são indissociáveis. Nessa perspectiva, Gadotti (2009, p. 03) destaca que,

A educação para a cidadania planetária implica muito mais que a filosofia educacional, do que um enunciado de princípios. A pedagogia para a cidadania planetária implica uma revisão dos nossos currículos, uma reorientação de nossa visão de mundo da educação como um espaço de inserção do indivíduo numa comunidade local e global ao mesmo tempo.

Em tempos de crises convergentes, educar para a cidadania planetária é educar para a construção de um mundo possível. A educação sustentável emerge do sentido das coisas no cotidiano, redirecionando saberes para uma nova racionalidade. Precisamos de práticas educacionais democráticas que contribuam para uma reconstrução paradigmática do aprender o mundo, alinhada à cultura da sustentabilidade e da paz. O Teatro de Animação, arte do sensível, com essência na ludicidade, se apresenta como um caminho concreto e possível para substanciar uma comunidade planetária que deve estar unida por um destino comum: promover a harmonia entre seres humanos e a natureza, respeitando a diversidade e cultivando a solidariedade entre todas as formas de vida.

Referências

ACIOLI FILHO, José da Silva. **O teatro de animação - linguagem artística pedagógica numa abordagem complexa e multirreferencialidade**. 2010. Dissertação (mestrado em Educação

Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educaçãõ. Programa de Pós-Graduaçãõ em Educaçãõ Brasileira. Maceiõ, 2010.

ANDRADE, Simeis Santos. **O lúdico na vida e na escola: desafios metodolõgicos**. Curitiba: Appris, 2013.

AMARAL, Ana Maria. **Teatro de Formas Animadas: Máscaras, Bonecos, Objetos**. 3a Ediçãõ. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ARAÚJO, Sammya Santos; ARAGÃO, Claudene de Oliveira. Letramento literário nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 27, p. 476-494, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27659>. Acesso em: 06 jul. 2024.

BALARDIM, Paulo; RECIO, Liliana. Quando a animaçãõ se torna aprendizado. **Móin-Móin-Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas**. Florianópolis, v. 1, n. 20, p.017-026, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701202019017>. Acesso em: 04 jul. 2024.

BARRIGA, Heliana; BARATA, Mário. **A Abelha Abelhuda**. Ilustraçãõ de Camila Godoy Teixeira. São Paulo: FTD, 1994.

BRASIL. Ministério da Educaçãõ. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educaçãõ Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Secretaria de Educaçãõ Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DICKMANN, Ivo. Reinventando a ecopedagogia: Patriarcado, modernidade e capitalismo. **Revista Sergipana de Educaçãõ Ambiental**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 1–16, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/18105>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GODOTTI, Moacir. **Ecopedagogia, Pedagogia da Terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educaçãõ Ambiental e Educaçãõ para a Cidadania Planetária**. São Paulo: Pierópolis, 2009. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/Crpf/CrpfAcervo000137>. Acesso em: 02 de jul. de 2024.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 2º ed. São Paulo: Editora Fundaçãõ Peirópolis, 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. Trad. Sandra Tabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2013.

OLIVEIRA, M. S.; PEREIRA, F. L.; TEIXEIRA, C. O conceito Ecopedagogia: um estudo a partir dos artigos de revistas de Educaçãõ Ambiental. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em**

Educação Ambiental, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 266–289, jan/abr.2021. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11279>. Acesso em: 07 jul. 2024.

PACHA, Anibal. Construção de bonecos com sucatas: reaproveitamento de resíduos sólidos para o teatro de animação. In: KELLERMAN, Mariana Marques; ANDRADE, Simeir Santos. *Educação lúdica: práticas reflexivas e criativas*. Belém: Paka-Tatu, 2019.

PRASS, Andressa Amaro et al. Ecopedagogia na Contemporaneidade: Caminhos Percorridos e Perspectivas para Fomentar a Cultura da Sustentabilidade. *Revista Científica ANAP Brasil*, v.16, n. 37, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370364692_Ecopedagogia_na_Contemporaneidade_de_Caminhos_Percorridos_e_Perspectivas_para_Fomentar_a_Cultura_da_Sustentabilidade. Acesso em: 03 jul. 2024.

SANTOS, Yvanize Maria de Oliveira Santana. *A Pertinência da Ecopedagogia como uma Proposta Pedagógica na Contemporaneidade*. Formiga: Editora Real Conhecer, 2022.

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: WVA, 2022.

SERMON, Julie. Teatro e ecologia: mudança de escalas ou de paradigma? *Móin-Móin - Revista de Estudos sobre Teatro de Formas Animadas*. Florianópolis, v. 2, n. 25, p. 24–49, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/21420>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVEIRA, S. M. *Teatro De Bonecos Na Educação*. p. 135 -145. In: *Perspectiva*. v. 15, n. 27. Florianópolis, 1997. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10566/10102>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Artigo submetido em 31/08/2024, e aceito em 20/10/2024.